



**MARIA NILDE MASCELLANI E AS CLASSES EXPERIMENTAIS DO INSTITUTO NARCISO PIERONI: UMA INTELLECTUAL NO ESPAÇO DE INTERSECÇÃO ENTRE OS CAMPOS EDUCACIONAIS LAICO E CATÓLICO (SOCORRO - SÃO PAULO, DÉC. 1950-1970)**

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3715

Leticia Vieira, USP

**Resumo**

O projeto das Classes Experimentais Secundárias foi formulado com o intuito de promover ensaios de renovação pedagógica no Ensino Secundário brasileiro dos anos 1950. Afinado com os ideais escolanovistas, tais experiências visavam o desenvolvimento de aptidões e potencialidades dos alunos para atuação social destes indivíduos. Dentre essas experiências, no Estado de São Paulo, ganhou destaque o Instituto Narciso Pieroni, coordenado pelas educadoras Lygia Furquin, Olga Bechara e Maria Nilde Mascellani. Tal destaque deu-se, sobretudo, a partir da atuação desta última, que promoveu uma apropriação do modelo pedagógico das CES em experiência por ela capitaneada a partir dos anos 1960 – os Ginásios Vocacionais. Nesse sentido, a análise da trajetória de Mascellani permite compreender como essa educadora e intelectual mobilizou seus capitais e sua rede de sociabilidades para tornar possível os ensaios de renovação de que fora protagonista. Para este estudo, foram consultadas fontes de seu acervo pessoal, composto por relatórios, cartas, textos, recortes de jornais e entrevistas. Utilizou-se, para a análise das fontes, a noção de “visão polimorfa do capital”, de Pierre Bourdieu e a noção de “rede”, de Sílvia Portugal. Fez-se uso, ainda, para definição e compreensão da categoria “intelectual”, das contribuições de Jean François Sirinelli e Justino Magalhães. Os resultados parciais do estudo apontam a promoção de uma intersecção entre os campos educacionais laico e católico a partir de atuação de Mascellani junto à intelectuais deste último campo, chamando atenção, principalmente, o apoio destes à esta educadora quando da perseguição política que sofrera durante o período ditatorial no Brasil.

**Palavras Chave:**

Maria Nilde Mascellani; Instituto Narciso Pieroni; Classes Experimentais Secundárias; Ensino Secundário.

## Introdução / justificativa

Bourdieu (1983, p. 89) denomina campo àqueles “espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes”. Esses campos são demarcados a partir da definição dos objetos de disputas e de seus interesses específicos, que são irreduzíveis às disputas e interesses de outros campos. Nesses espaços sociais são colocados em jogo os capitais acumulados, configurando-se, portanto, como lugares “de relações objetivas entre indivíduos ou instituições que competem por um mesmo objeto” (BOURDIEU, 1983, p. 155). Assim como os demais campos, o campo educacional é caracterizado pela disputa pelos postos de poder e pelo domínio dos bens culturais que nele circulam e, para pleitear as posições dominantes desse espaço, é necessário, além de conhecer bem suas regras e propriedades específicas, possuir volume considerável dos capitais mais rentáveis nesse microcosmo social. Lograr êxito no domínio de um campo, depende, portanto, da articulação de diferentes fatores e, dentre esses fatores, figura a posse de capital social. Bourdieu (1998) define esse tipo específico de capital como um conjunto de recursos potenciais, ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento, as quais funcionam a partir de ligações permanentes e úteis e fundam-se em trocas materiais e simbólicas.

Nessa direção, concordando com Magalhães (2016, p. 303), entende-se que “a representação da educação envolve uma noção sistêmica e os intelectuais podem funcionar como sistema”, pois configuram e demarcam o campo educacional, representando “a educação em sentido total, pois que prefiguram as distintas acepções e,

fundamentalmente, porque asseguram a relação entre educação e sociedade”. Esses intelectuais, que, portanto, circulam em um ou mais campos auxiliando na formação e conformação de suas disputas, interesses e contornos sociais – lançando, para tal, mão de seus capitais – são aqui compreendidos a partir da acepção de Sirinelli (1996, 1997), para o qual o termo possui dois possíveis significados: um amplo e de caráter sociocultural, que engloba os criadores e mediadores culturais, e outro, voltado à noção de engajamento, categoria à qual pertencem os intelectuais que contribuem para difundir e “vulgarizar” tais conhecimentos (SIRINELLI, 1997).

Tendo em vista esse panorama teórico, o presente estudo se propõe a ler a de uma intelectual do campo educacional brasileiro, a educadora Maria Nilde Mascellani, relacionando-a à suas ações em busca da renovação do ensino secundário brasileiro nos anos 1950 a 1970<sup>1</sup>. Compreende-se, inicialmente, que essa educadora pertence à segunda categoria elencada por Sirinelli (1997), ou seja, a de intelectuais de engajamento. Isso porque, ainda que tenha também, durante sua trajetória, produzido obras literárias e realizado apropriações singulares dos pressupostos pedagógicos com os quais teve contato, atuou, sobretudo, no sentido de fazer ressoar no campo educacional paulista os pressupostos advindos de matrizes teóricas já constituídas, a exemplo da matriz das *Classes Nouvelles*, apropriada via Classes Experimentais<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Importante frisar, nesse sentido, que a análise da trajetória dessa intelectual insere-se em um movimento de estudo da proposta das Classes Experimentais Secundárias, ainda em andamento.

<sup>2</sup> Autorizadas a partir dos anos finais da década de 1950 com vistas à renovação e à busca de soluções para o ensino secundário, que se encontrava refém do tradicionalismo pedagógico imputado pela Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942. Não enquadradas nas formas convencionais previstas por essa legislação, tais experiências tinham por objetivo a realização de

## Objetivos

Nesse sentido, partindo do entendimento de que a compreensão das ações e da mobilização de capital social dessa intelectual, bem como dos desdobramentos dessa ação nas experiências renovadoras de educação por ela capitaneadas no espaço-tempo recortado, auxiliam na compreensão da configuração do campo educacional à época, o presente estudo objetiva a leitura de sua trajetória. Tem-se interesse, portanto, em refletir acerca de questões como: de que táticas essa educadora lançou mão para o sucesso de suas experiências? Quem foram os agentes que fizeram parte de sua rede de sociabilidades e agiram em prol desses ensaios de renovação? Analisou-se, para tal finalidade, as correspondências que faziam parte do acervo pessoal de Maria Nilde, salvaguardado no Centro de Memória da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, bem como correspondências localizadas no acervo RENOV, localizado no CEDIC da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O espaço-tempo aqui abordado, por sua vez, compreende os anos 1950 e 1960, sendo o primeiro momento marcado por uma forte efervescência cultural, circulação de intelectuais, criatividade pedagógica e criação de ensaios pedagógicos renovadores como as Classes Secundárias Experimentais e os Ginásios Vocacionais; e o segundo, demarcado pelo fechamento político via golpe de 1964, momento em que a educadora é perseguida e ocorre o fechamento violento, por parte dos militares do regime ditatorial, da experiência pedagógica por ela coordenada.

## Resultados

Aparentemente morta, está na vida de todos quantos por ela passaram,

---

ensaios de novas organizações curriculares e práticas pedagógicas. Para mais, ver Vieira (2015).

bem ou mal sucedidos. Para alguns a marca profunda da descoberta de uma nova educação, de uma resposta coerente e inventiva para as indagações da juventude brasileira. Para outros, a pedra de toque que testou com coragem as raízes do conservadorismo e outros “ismos” que será preferível não comentar. Objeto de amor para tantos jovens, professores e famílias que dela puderam sugar em profundidade sua filosofia. Objeto de ódio para aqueles que por ela foram caracterizados como o joio da educação e da cultura. Ervas daninhas que floresceram no caldo suculento da ditadura, do autoritarismo, alimentando todas as expressões de seu oportunismo (MASCELLANI, 1984)

A epígrafe acima destacada nos dá o tom da intensa relação da educadora Maria Nilde Mascellani com o projeto dos Ginásios Vocacionais, experiência por ela projetada e coordenada até o ano de 1969, quando ocorre, por ação policial-militar, o fechamento de todas as unidades (CHIOZZINI, 2003). Sabe-se que a perseguição política e o devassar do projeto de educação promissor ao qual se dedicara com paixão militante deixou marcar profundas na trajetória dessa educadora. A memória afetiva dessa intelectual e seus companheiros do Serviço de Ensino Vocacional em relação à experiência acabou por produzir uma espécie de “eclipsar” da memória das Classes Secundárias Experimentais, que acabou por ser referida na historiografia apenas como uma espécie de pré-história ou “embrião” (MARQUES, 1985) dos Vocacionais, sendo poucos os trabalhos que se dedicam ao estudo sistemático desse ensaio. De outra parte, vale ressaltar que ainda que se tenha especial interesse em demarcar o lugar histórico das Classes Experimentais, interessa-me, aqui, não o estabelecer de um antagonismo entre os dois projetos de ensino, mas a busca pela identificação, na trajetória de Maria Nilde Mascellani, de elementos a partir dos quais essa

educadora tornou possível o sucesso e distinção dessas experiências de renovação de que fez parte.

Chama-se atenção, inicialmente, ao fato de Classes Experimentais situadas em uma escola pública de uma cidade do interior paulista terem se destacado entre colégios de alto padrão da rede particular, como Santa Cruz, Santa Maria, Mackenzie, Des Oiseaux e Sion (MARQUES, 1985). Isso porque, a partir de tal destaque, essas classes ganham a cena quando Luciano Vasconcellos de Carvalho, Secretário de Educação no governo de Carvalho Pinto, inspirado pelas Escolas Compreensivas, busca no Brasil uma experiência próxima ao que havia conhecido na Inglaterra e, impactado pelo ensaio desenvolvido em Socorro, decide tomá-lo por molde para o projeto que vinha arquitetando. Nessa esteira, convida Maria Nilde a integrar a equipe encarregada de estudar a reforma e a nova Lei do Ensino Industrial de São Paulo, com a finalidade de elaborar um projeto de escola que seria incorporada, estrategicamente, à rede de ensino secundário do Estado (CHIOZZINI, 2014). Questão intrigante e ainda não devidamente esclarecida deve-se ao fato de que, ainda que não fosse a especialista na metodologia das *Classes Nouvelles* e não estivesse ligada de maneira próxima a Luis Contier, mentor das primeiras experiências desenvolvidas no Estado de São Paulo e que também fazia parte da comissão de formulação da nova proposta, Mascellani é quem recebe de Luciano de Carvalho o convite para integrar-se ao que se convencionou chamar Serviço de Ensino Vocacional (SEV) e, posteriormente, também fora designada responsável por sua coordenação. É interessante, ainda, que Lygia Furquim não tenha sido sequer integrada ao SEV, uma vez que era a diretora em Socorro, havia feito curso da metodologia das *Classes Nouvelles* no *Centre International de Études Pédagogiques* (Sèvres-França) e havia sido quem recebera de Contier o convite para se integrar à

implantação das Classes Experimentais no Instituto de Socorro. Ademais, deve-se frisar que o afastamento de Mascellani para ingresso e coordenação do SEV, bem como o desinteresse das autoridades em relação às Classes Experimentais, acaba por estremecer a estabilidade do ensaio realizado no Instituto. Em clima conflituoso, Lygia Furquim justifica o encerramento das classes da instituição a partir da total indiferença pela renovação que lá se processava, o que seria, para ela, injustificado se analisados os resultados obtidos. Restam registradas, no relatório da experiência, as tensões que demarcaram sua saída:

Obstáculos de toda parte e de toda sorte: artigos pelos jornais, ataques pessoais, calúnias e infâmias, nada pouparam e da parte do governo, indiferentismo total que perdura até hoje. As Classes Experimentais jamais foram visitadas por qualquer elemento oficial, nos seus quatro anos de existência, excetua-se, naturalmente, o Secretário da Educação, Dr. Luciano Vasconcellos de Carvalho, que para aqui veio com o objetivo de escolher pessoal para a instalação de ginásios vocacionais [...] Diante de tudo isto, resolvemos não instalar outra classe em 1961, em boa hora o fizemos porque perdemos, no início deste ano, 5 dos elementos já treinados; elementos que estão prestando serviços aos ginásios vocacionais

[...] sinto-me incapaz de perdoar àqueles que, no meu Estado, se mantiveram indiferentes à experiência de Socorro [...] (INSTITUTO DE EDUCAÇÃO NARCISO PIERONI DE SOCORRO, 1962, s. p)

Um aspecto a sublinhar, aqui, consiste do fato de que parte do corpo docente atuante no ensaio de renovação realizado em Socorro acabou, a convite de Maria Nilde, migrando para o Vocacional. Esse pode ser também um indicativo da centralidade dessa

educadora para aquela experiência, tendo em vista que, ainda que essa absorção do corpo docente não possa ser atribuída unicamente à sua influência – uma vez que a proposta de atuação nessas instituições que funcionavam inteiramente em regime experimental, por si só, já figurava como um importante fator de distinção para aqueles educadores – deve-se levar em conta o fato de que Mascellani tinha conhecimento dos profissionais que foram centrais para o bom desenvolvimento do ensaio em Socorro, bem como daqueles que possuíam prática na aplicação de metodologia ativa. Ademais, deve-se considerar que, diante da ausência da educadora, não foi possível dar continuidade à experiência, o que se conseguiu em outras instituições que haviam implantado Classes Experimentais, como no Instituto instalado na cidade de Jundiá<sup>3</sup>. Nessa esteira, tendo em vista a aparente tomada de cena por parte dessa educadora, justifica-se o investimento no sentido de compreender sua atuação e o protagonismo de suas ações.

Uma das hipóteses levantadas no presente estudo para explicar tal centralidade seria a de que a rede de relações – o capital social – de Maria Nilde Mascellani, sobretudo com figuras de destaque no campo católico, teriam favorecido, devido à imbricação desse último com o campo político, o protagonismo de suas ações. Optou-se, nesse sentido, por realizar uma busca por fontes que pudessem permitir a compreensão do alcance dessa rede e os capitais nela disponíveis, para, enfim, compreender suas ressonâncias nesses projetos de ensino. Dentre os documentos que compunham o acervo pessoal de Maria Nilde, constava um ofício datado de junho de 1963, assinado pelo Padre Januário Baleeiro de Jesus e Silva, que fora fundador da Congregação

dos Oblatos de Cristo e ocupara, entre os anos de 1962 e 1964, o cargo de Secretário dos Negócios da Educação e Cultura do Governo do Estado de São Paulo. No referido ofício, dá-se à educadora autorização para tomar todas as providências necessárias à promoção de uma Semana de Estudos com o objetivo de comunicar a experiência pedagógica renovada que vinha sendo realizada nos Ginásios Vocacionais (SILVA, 1963). Maria Nilde, em entrevista concedida à Sandra Marques, esclarece que, com facilidade, acionava o referido padre em favor de seus objetivos:

O Padre Baleeiro dependia do Cardeal de São Paulo, ele tinha claro que a professora Maria Nilde dava uma certa assessoria à Arquidiocese na discussão de seminários menores, que era uma coisa que fiz paralelamente, naquele tempo. [...] Então era uma coisa assim de prestígio que funcionava por trás e que o colocava um pouco na retaguarda. Ele não avançava o sinal conosco (MASCELLANI, 1984, p. 14).

É interessante observar também as táticas de que Maria Nilde lança mão para divulgar a experiência que vinha desenvolvendo. São muitas as correspondências que a educadora recebe, no ano de 1969, agradecendo o envio da publicação denominada “Planos Pedagógicos e Administrativos dos Ginásios Estaduais Vocacionais do Estado de São Paulo”, o que torna evidente que a educadora remeteu a obra a instituições de diversos países. Dentre as respostas recebidas, encontra-se, por exemplo, uma carta remetida pelo Cônsul Geral da Alemanha, Dr. Wolfgang Pfeiffer, na qual este elogia a obra e sinaliza o desejo de realizar uma visita aos laboratórios e oficinas dos Vocacionais, para os quais teria sido concedida ajuda financeira via “*Evangelische Zentralstelle für Entwicklungshilfe e.V.*” (PFEIFFER, 1969). Outra correspondência, remetida por Luz

<sup>3</sup> Aspecto sob o qual a pesquisa em andamento deverá, ainda, se debruçar.

Vieira Méndez (MÉNDEZ, 1969), chefe da Oficina Regional da Educação da UNESCO para a América Latina, agradece o envio da publicação e, entre elogios, afirma que seria desejável conhecer alguns resultados concretos da experiência, afirmando interesse em continuar recebendo notícias a respeito. Essas investidas, contudo, nem sempre logram êxito. No ano de 1965, quando, ao enviar carta aos cuidados de Edmée Hatinguais para solicitar a ida de estagiários dos Vocacionais ao CIEP, Mascellani recebe negativa na forma de indicação para consultar Luis Contier, o que evidencia a influência desse intelectual junto ao campo educacional francês e, ao mesmo tempo, pode ser indicativo de uma tentativa mal sucedida de Maria Nilde de autonomizar a formação de seus profissionais – uma vez que, nessa data, Contier continuava selecionando educadores para a realização de missões no CIEP. Em outra ocasião, no ano de 1969, Mascellani recebe carta remetida por Peter Hakim, assistente de programas da Fundação Ford, na qual se nega uma solicitação de auxílio financeiro feita pela educadora (HAKIM, 1969, p. 01).

Nota-se que, a partir de 1965, Maria Nilde dá início a um movimento de busca por divulgação e apoio de organismos internacionais para os Vocacionais. É importante frisar aqui o fato de que desde o governo Adhemar de Barros em São Paulo, o Vocacional passou a sobreviver a diversas tensões, sobretudo por Maria Nilde opor-se às ações corruptas que se tentava imputar à experiência. Mascellani (1999) relata, por exemplo, o episódio que ficara conhecido como “crise de 65 dos Vocacionais”, quando é afastada por negar-se a ceder às pressões políticas, e diante de seu afastamento, são nomeados para a Coordenação do Serviço de Ensino Vocacional e para a direção do Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha, por decreto de Adhemar de Barros, os professores Joel Martins e Lygia Furquim Sim

(MASCCELLANI, 1999)<sup>4</sup>. A nomeação desses educadores, contudo, esbarra na forte manifestação dos pais, que realizam protestos para o retorno de Maria Nilde e, em quarenta dias, a educadora é convidada a voltar à Secretaria, readmitindo-se também a diretora administrativa do Ginásio.

Do conjunto de documentos analisados até o momento constam também cartões postais de diversas autoridades dos campos educacional e católico congratulando-a na ocasião dos 15 anos de sua empresa, a RENOV, nos anos 1985. Escreveram, por exemplo, os bispos Antonio Celso Queiroz e Cândido Padin, o sociólogo e educador peruano ligado à educação popular Oscar Jara Holliday, e Florestan Fernandes, importante sociólogo brasileiro. Chama atenção, em relação a esse último, o tom de proximidade com que tece palavras à Maria Nilde, bem como o apoio incondicional que oferece à educadora e à causa por ela defendida<sup>5</sup>. Em outra ocasião, no ano de 1986, José Carlos Dias, advogado que ocupava, à época, a função de Secretário da Justiça do Estado de São Paulo, remete à Maria Nilde carta parabenizando-a por seu desligamento do PMDB. A ligação entre a educadora e José Carlos Dias vinha já de longa data, desde que esse, que havia atuado como Presidente da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, fora designado o advogado responsável para a defesa da militante quando de sua prisão no ano de 1974.

Menciona-se que ainda que algumas dessas correspondências datem

---

<sup>4</sup> Chama-se atenção, aqui, ao fato de Lygia Furquim ter aceito a indicação para a substituição de Maria Nilde na direção do Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha, o que, aventa-se, seja novamente indicativo de certa tensão entre as educadoras.

<sup>5</sup> [...] Acho que vocês me sentem presente e que não preciso dar o recado para que se lembrem da minha solidariedade e companheirismo [...] (FERNANDES, 1985, p. 01).

de um período posterior ao recorte temporal selecionado no presente escrito, servem para a compreensão do ressoar das ações de Maria Nilde nos campos em que circulou. Aparentemente, o prestígio do qual a educadora desfrutara anos mais tarde devia-se à dois principais fatores: sua forte militância e engajamento com a questão educacional e seu envolvimento com a Igreja Católica Progressista. Essas foram, inclusive, as responsáveis por sua perseguição política quando da vigência do AI-5, tornando-se, então, a educadora, um alvo do regime, vindo a ser detida em data de 8 de janeiro de 1974. Em um detalhado relato<sup>6</sup>, descreve seus dias de cárcere e destaca os motivos pelos quais foi presa:

A situação não era de interrogatório e sim de intimidação [...] As únicas coisas que consegui captar dessa primeira situação foram: a) possível reabertura do processo do Ensino Vocacional; b) fui presa e caracterizada como elemento da Igreja e muitos outros o seriam; c) nosso escritório não passava de um aparelho da Cúria Metropolitana de São Paulo; d) acusação de que enviar um certo documento sobre Educação Moral e Cívica para o estrangeiro; [...] As ameaças e descrições de torturas se repetiam assim como a decisão de me manter presa por ‘uns sessenta dias’. As abordagens de ordem moral à minha pessoa, a pessoas do meu relacionamento, ao pessoal do clero e especialmente ao Sr. Cardeal foram as mais vis. Não era possível suportar tudo aquilo calada. Refleti sobre a atitude que poderia tomar e concluí que naquela situação a melhor defesa era o ataque; além disso, pareceu-me ser um dever de consciência defender não somente minha integridade moral como a de

pessoas que respeito e pelas quais tenho a mais profunda amizade [...] Devo esclarecer que fiz não só uma defesa ostensiva de minha pessoa como de amigos, do pessoal da Igreja e do Sr. Cardeal. A medida que eu falava sucediam-se os murros na mesa e as ameaças de surra (MASCELLANI, 1974, p. 3-4).

No dia 21 de janeiro Maria Nilde é chamada a interrogatório, em sala de choque e na presença de torturadores. O interrogatório, que durou cerca de 4 horas, tinha seu conteúdo formalizado: foram apresentados documentos da igreja, manifesto dos bispos, cartas que a educadora tinha enviado à Genebra e à Itália, a pedido do Conselho Mundial de Igrejas, e que tratavam da temática de Educação Moral e Cívica, atividades educacionais dos tempos do Vocacional e atividades do escritório RENOV. Segundo a educadora, o interrogatório se desenvolveu em dois planos: “a) Documento de Educação Moral e Cívica; b) relação com a Igreja e trabalhos educacionais” (MASCELLANI, 1974, p. 07). A casa de Maria Nilde fora também devassada, e, nessa ocasião, encontraram certidões negativas do processo relacionado ao Vocacional e expedidas pela 1ª e 2ª Auditorias Militares de São Paulo; exames médicos da educadora, incluindo uma radiografia de sua coluna vertebral; e, ainda, uma carta escrita pelo cardeal Dom Paulo Evaristo, recomendando a RENOV a colégios e entidades católicas:

O diagnóstico do médico a partir da radiografia fora radical quanto aos cuidados que eu deveria tomar [...] Julgo que o conhecimento dessa radiografia e a descoberta da carta do Sr. Cardeal levaram os Delegados Maranhão, Singilo e Fleury a uma reunião para decidir o que fariam comigo. [...] Ouvi, de outra sala, dizer [Fleury] ao Delegado Maranhão: “ela é protegida do Cardeal e pode dar problema, é melhor aplicar a

<sup>6</sup> Transcreverei, aqui, devido ao limite de páginas imputado pela condição de comunicação em um evento científico, apenas algumas passagens do relato. Friso, contudo, a importância da leitura do documento na íntegra.

Fórmula 2<sup>ª</sup>. Fiquei sem saber o que queria dizer com aquilo [...] fui então interrogada. Dessa vez entrou em pauta o trabalho que eu realizei para a Arquidiocese de João Pessoa; insistiram muito sobre o meu relacionamento com bispos, se eu havia sido da JUC e para a surpresa minha haviam abandonada a ideia de que eu pertencia à AP. A nova hipótese era com relação ao “PC do B” e a uma tal organização denominada MLP. Desta última eu nunca ouvira falar (p. 7-13).

Após aproximadamente 34 dias de prisão, Maria Nilde recebe a visita de D. Paulo Evaristo Arns, acompanhado do Advogado da Comissão Justiça e Paz, Dr. José Carlos Dias:

Durante vários dias permaneci na cela sem ser chamada para nada. Até que por volta do 34<sup>º</sup> dia recebi com grande surpresa a visita de D. Paulo Evaristo Arns e do Advogado da Comissão da Justiça e da Paz, Dr. José Carlos Dias. Fui levada para uma sala de visitas no andar das delegacias pelo Delegado Singilo. Embora a visita fosse rápida, coloquei os dados mais importantes da situação para D. Paulo e para o advogado. Soube que o Dr. José Carlos Dias seria meu advogado. Pude passar o primeiro bilhete para minha família, embora com resistência dos delegados [...] Essa visita foi para mim o primeiro contato com o mundo exterior. [...] Voltei para a cela e na carceragem não faltaram gozações quanto à visita que eu havia recebido.

A partir da visita de D. Paulo Evaristo Arns, Maria Nilde pôde receber a visita de um médico, cuja consulta confirmou o conteúdo da primeira radiografia, e, além disso, recebera um atestado e receita de remédios, que foram entregues a ela pelas mãos do Sr. Cardeal – passando ela, então, a receber os medicamentos que sua delicada situação de saúde exigia. Os interrogatórios que se

sucederam à visita se concentraram no documento de Educação Moral e Cívica e o restante das perguntas voltavam-se à atuação da educadora junto à Igreja. Nas últimas semanas de permanência, Maria Nilde recebeu também a visita de Dom Lucas Moreira Neves, bispo auxiliar de São Paulo, que deu notícias acerca das providências que estavam sendo tomadas para sua soltura e prometeu uma visita à sua família. Após sessenta dias presa, finalmente consegue-se o alvará de soltura da educadora. Dentre as conclusões que lista em seu relato, afirma ter ficado claro que se tratara de uma perseguição aos elementos da Igreja e de uma tentativa de desmoralização do Sr. Cardeal:

[...] Todos os delegados que me interrogaram se referiram à Igreja ‘progressista’ de modo bastante pejorativo. Eles vêm na figura de Dom Paulo um sério empecilho para o aumento da repressão ou à utilização de forças mais grosseiras, mas admitem que a defesa do Sr. Cardeal se faz para com as pessoas da Igreja mais do que com o restante dos presos. Acredita-se também que o Sr. Cardeal é um dos elementos politicamente mais hábeis dentro da Igreja. 4. Anuncia-se um cerco a todas as instituições de educação, promoção humana, bem estar social, trabalhos comunitários, associações de amigos de bairro, paróquias, centros de pesquisa. Acredita-se numa grande infiltração de elementos de esquerda nestes trabalhos e autores.

Ainda que tenha traçado sua trajetória profissional em instituições públicas do Estado de São Paulo, Maria Nilde Mascellani mantinha interlocução frequente com autoridades do campo católico. Seu envolvimento com autoridades desse microcosmo social, somado ao fato de capitanear uma experiência de ensino considerada subversiva pelo regime, fez com que a educadora e outros profissionais a ela

ligados se tornassem alvo da ditadura quando de seu recrudescimento. Contudo, o apoio das autoridades católicas se mostrou decisivo nesse momento crítico da trajetória da educadora, permitindo-a que tivesse atendimento médico, possibilitando acesso e contato com sua família, bem como providenciando, após 60 dias de cárcere, sua soltura.

As fontes analisadas no presente escrito permitiram compreender que a trajetória de Maria Nilde Mascellani circunscreveu-se em um espaço de intersecção entre os campos educacional e católico, de maneira que o apoio incondicional à Maria Nilde por parte da Igreja Católica quando de sua prisão, bem como a evidente proximidade que possuía com autoridades desse campo, constituem-se como pontos importantes de sua trajetória. Frisa-se que os indivíduos com quem a educadora mantinha interlocução eram figuras de grande prestígio e com cargos de destaque na hierarquia da Igreja e, portanto, possuíam considerável influência também no campo político, dispendo de capitais a mobilizar em favor dessa educadora. Nesse sentido, tais autoridades serviram à educadora como suporte, figurando como agentes que acionaram seus capitais em seu auxílio. Deve-se mencionar que tal defesa deu-se pela ligação de Maria Nilde com o catolicismo progressista, uma vez que, conforme afirma a própria educadora, tais autoridades promoviam com maior afinco a defesa de presos políticos ligados à Igreja.

Por fim, menciona-se que existem muitos pontos dessa trajetória ainda a serem tocados, a começar pela infância dessa educadora, onde teve contato, por exemplo, com a experiência anarco-sindicalista, pelas vias do convívio com seu avô italiano (MASCELLANI, 1984). Salta aos olhos do pesquisador a trajetória dessa mulher, com condições de vida aparentemente comuns no que se

refere à questão financeira, mas que ainda que nunca houvesse tido oportunidade de fazer aulas de inglês ou francês, por exemplo, conhecia e lia as obras originais de educadores como Jhon Dewey, e que, em resumo, construiu uma trajetória de muitíssima distinção, conquistando posições de destaque no campo educacional. A figura de Mascellani desperta, sem dúvidas, muitas inquietações. Investir no sentido de compreender melhor sua inserção na igreja Católica e as formas como sua rede de sociabilidades ressoou nos ensaios de renovação de que fez parte, foi o caminho que aqui se intentou seguir. Restam, ainda, muitos outros questionamentos não respondidos.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero. 1983.

\_\_\_\_\_. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 65-9.

CASTRO, Amélia Domingues de. [**carta endereçada à Maria Nilde Mascellani**]. São Paulo, 20 de agosto de 1965. 1 p. Centro de Educação e Informação Científica Prof. Casemiro dos Reis Filho.

CHIOZZINI, Daniel Ferraz. **Os ginásios vocacionais: a (des) construção de uma experiência educacional transformadora (1961-1969)**. Dissertação (mestrado). São Paulo: UNICAMP, 2003. 134p.

\_\_\_\_\_. As mudanças curriculares dos ginásios vocacionais de São Paulo: da “integração social” ao “engajamento pela transformação”. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, Maringá-PR, v. 14, n. 3[36], p. 23-53, set./dez. 2014.

FERNANDES, Florestan. [**carta endereçada à Maria Nilde Mascellani**]. São Paulo, 29 de jun. de 1985. Centro de Educação e Informação Científica Prof. Casemiro dos Reis Filho.

HAKIM, Peter. [**carta endereçada à Maria Nilde Mascellani**]. São Paulo, 26 de setembro de 1969. 1 p. Centro de Educação e Informação Científica Prof. Casemiro dos Reis Filho.

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO NARCISO PIERONI DE SOCORRO. **Relatório de 1962**. 1962. Centro de Memória da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

MARQUES, Sandra Machado Lunardi.  
**Contribuição ao estudo dos Ginásios Vocacionais do Estado de São Paulo: o Ginásio Vocacional “Chanceler Raul Fernandes” de Rio Claro.** Dissertação (Mestrado). PUC-SP, São Paulo, 1985.

MASCELLANI, Maria Nilde. **Relato da minha prisão e das circunstância que a envolveram.** São Paulo, abril de 1974. [mimeografado]. Centro de Memória da Faculdade Educação da Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. **Entrevista concedida à Sandra Marques.** 1984. Centro de Memória da Faculdade Educação da Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. **Uma pedagogia para o trabalhador:** O Ensino Vocacional como base para uma proposta pedagógica de capacitação profissional de trabalhadores desempregados (Programa Integrar CNM/CUT). São Paulo, SP, 1999 Tese (Doutorado) - FE/USP.

MENDEZ, Luz Vieira. [carta endereçada à **Maria Nilde Mascellani**]. São Paulo, 8 de julho de 1969. 2 p. Centro de Educação e Informação Científica Prof. Casemiro dos Reis Filho: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PFEIFFER, Wolfgang. [carta endereçada à **Maria Nilde Mascellani**]. São Paulo, 28 de março de 1969. Centro de Educação e Informação Científica Prof. Casemiro dos Reis

Filho.

SILVA, Januário Baleeiro de Jesus e. [Comunicado]. São Paulo, 21 de junho de 1963. Centro de Educação e Informação Científica Prof. Casemiro dos Reis Filho: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMONO, René (Org.). **Por uma história Política.** Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Fundação Getúlio Vargas, 1996.

\_\_\_\_\_. Elites Culturais. In: RIOUX, Jean Pierre. **Por uma história cultural.** Lisboa: Editora Estampa, 1997.

SILVA, Januário Baleeiro de Jesus e Silva. [comunicado] São Paulo, 21 de junho de 1963. 1 p. Centro de Educação e Informação Científica Prof. Casemiro dos Reis Filho: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SERVIÇO DE ENSINO VOCACIONAL. **Planos Pedagógicos e Administrativos dos Ginásios Vocacionais do Estado de São Paulo,** 1968 (mimeo). Acervo Cedec, PUC, São Paulo

VIEIRA, Letícia. **Um núcleo pioneiro na renovação da educação secundária brasileira: as primeiras classes experimentais do estado de São Paulo (1951-1961).** 200 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Santa Catarina: UDESC, 2015.